

BORBOLETA: CONTRIBUIÇÕES PARA A LITERATURA PIAUIENSE

Fabíola Nunes Brasilino (UESPI)¹

Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)²

Resumo: Este artigo pretende explicitar as contribuições do periódico Borboleta para a literatura piauiense. Escrito apenas por mulheres, o jornal circulou em Teresina entre os anos de 1904 a 1907. Projeto inovador para a época, a proposta de o Borboleta era dar oportunidade à classe feminina para que participasse ativamente da cultura. Com periodicidade mensal, promovia a divulgação da produção literária de artistas já conhecidos pelo público leitor, bem como favorecia a inserção de novos escritores na cena cultural do estado. A investigação deu-se pelo método bibliográfico e teve como aporte teórico autores como Arnt (2001), Pena (2016), (QUEIROZ, 2011), Rocha (2012), Castelo Branco (2013).

Palavras-chave: Periódico *Borboleta*; Jornalismo literário; Literatura piauiense

Desde o século XIX, observa-se a estreita relação entre o jornalismo e literatura, vínculo esse que se tornou quase que inseparável, tendo em vista que grandes escritores, como Balzac, Machado de Assis, Dickens, etc., deram a sua colaboração em jornais. Dessa união entre informação e cultura, os dois lados saíram ganhando, haja vista que o jornal tornou-se um meio de comunicação mais atraente, ao passo que a literatura também agregou valor ao ter um olhar mais atento e acurado para as questões sociais, influência do jornalismo. Por esse vínculo ser tão importante e presente a ponto de interferir na maneira de se fazer e compreender o jornal, foi que surgiu o termo jornalismo literário.

Neste artigo, para fins de esclarecimento, o termo jornalismo literário terá a acepção de Arnt (2001), que afirma que

Não se refere à imprensa especializada em literatura, que foi um fenômeno que nasceu com os jornais e perdura, hoje, nos suplementos culturais e na crítica. Jornalismo literário é um estilo que se desenvolveu no século XIX e se caracterizou pela militância de escritores na imprensa e pela publicação de crônicas, contos e folhetins. (ARNT, 2001, p. 7-8).

No Brasil, a imprensa periódica, durante muito tempo, atuou como importante ferramenta para a construção e difusão da literatura nacional, tendo em vista seu baixo custo, possibilitando um maior estreitamento de laços entre público leitor e as produções literárias, como se percebe na afirmação de Pena (2016, p. 31, grifo do autor),

¹ Graduada em Letras – Inglês (UFPI). Mestranda do Mestrado Acadêmico em Letras (UESPI). E-mail: fabinunes1@gmail.com.

² Professora Doutora do Mestrado Acadêmico em Letras (UESPI). E-mail: r.celestina@uol.com.br.

Quase todos os grandes escritores brasileiros do século XIX (até o começo do século XX) passaram por jornais, como, por exemplo, Joaquim Manoel de Macedo, Raul Pompéia, Aloísio de Azevedo, Euclides da Cunha e Visconde de Taunay [...]. Mas o primeiro passo rumo ao folhetim foi dado por Manuel Antônio de Almeida, que, em 1852, publicou *Memórias de um sargento de milícias* nas páginas do *Correio Mercantil*,

consolidando as bases do romance nacional, demonstrando, dessa forma, a importância do jornalismo literário para a literatura brasileira.

No Piauí, não foi diferente, posto que a imprensa assumiu, também, relevante função, atuando juntamente com outros fatores como, a implantação de escolas e a ampliação da rede pública de ensino, tanto em nível primário, quanto secundário, como aliada para o estabelecimento de uma literatura local, nos moldes de Cândido (2010).

O jornalismo literário chegou ao Piauí por volta de 1850 e, já nas primeiras décadas do século XX, tornou-se a modalidade mais utilizada por escritores e jornalistas, atuando como importante fator de fomento à produção e difusão da produção literária. Conforme Sodré (1977), os motivos que levaram os literatos a publicarem seus textos em folhetins eram vários, dentre eles o prestígio e o retorno financeiro. No Piauí, o jornalismo literário contou com vários jornais que publicavam além de livros e novelas brasileiras, obras de autores piauienses.

Jornalismo literário em Teresina

Com a intensa modernização ocorrida em Teresina a partir do final do século XIX e início do século XX tanto na esfera urbana, com a canalização de água e a eletrificação das ruas, tanto na esfera tecnológica, com o telefone, o cinematógrafo e as primeiras tipografias, fato que impulsionou o panorama literário da cidade, a população passa a acompanhar, também, os avanços culturais decorrentes desse progresso (QUEIROZ, 2011).

É nesse contexto de efervescência cultural que um público leitor começa a se formar, com destaque para a elite feminina já alfabetizada, público-alvo em potencial que estimulou a publicação de periódicos voltados para esse universo, abordando assuntos variados, como literatura, vida familiar e notícias em geral. De acordo com Rocha (2012), os títulos dos jornais sempre faziam referência ao feminino, como por exemplo, *A Aurora* (1875), *A Rosa* (1875) e *A Flor* (1883).

Dentre esses periódicos, surge em Teresina o primeiro jornal voltado para o público feminino que mesclava notícias, literatura e crítica. Escrito apenas por mulheres, o

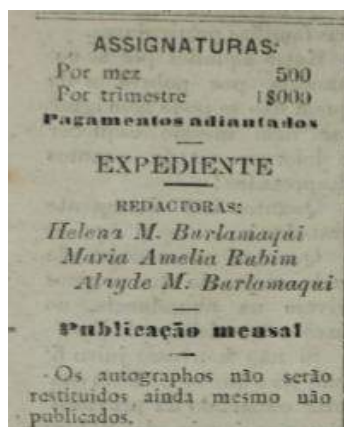
periódico *Borboleta* circulou entre os anos de 1904 a 1907, sendo suas redatoras Helena M. Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde M. Burlamaqui. Projeto inovador para a época, a proposta de o *Borboleta* era dar oportunidade às mulheres para que participassem ativamente da cultura, despertando-as para a importância de uma formação intelectual, tratando de temas como educação e produções literárias, como se constata na citação de Castelo Branco (2013, p. 121-122),

O jornalismo, enquanto atividade feminina, já tinha precursoras na segunda metade do século XIX, [...]. Em Teresina, essa atividade tomará vulto no início do século XX, com o jornal *Borboleta* que circulou de 1904 a 1906 e era dirigido e redigido por três senhoritas da sociedade teresinense -- Helena M. Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde M. Burlamaqui. Caracterizamos essa atividade como remunerada, devido ao fato de o jornal ser vendido e até mesmo ser aceito assinantes. [...] Um dos principais objetivos das jornalistas do *Borboleta* era abrir o mundo intelectual às mulheres, daí uma das suas mais frequentes reivindicações ser o aprimoramento cultural da mulher.

Em relação ao período de circulação do periódico, há uma imprecisão em relação a alguns autores, devido às lacunas presentes na historiografia literária piauiense. Os números existentes do objeto de estudo que foram analisados são: *Borboleta*, 29 de outubro de 1905, nº 14; *Borboleta*, 29 de novembro de 1905, nº 15; *Borboleta*, 29 de dezembro de 1905, nº 16; *Borboleta*, 29 de janeiro de 1906, nº 17; *Borboleta*, 1º de março de 1906, nº 18; *Borboleta*, 1º de maio de 1906, nº 20 e *Borboleta*, 14 de agosto de 1906, nº 23. Encontram-se disponíveis no Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC) da Universidade Federal do Piauí e no Arquivo Público do Estado do Piauí em formato digitalizado.

O jornal *Borboleta* tinha periodicidade mensal, com assinaturas mensal e trimestral. Na seção expediente tem-se os nomes das três redatoras, no entanto, o periódico recebia a colaboração de escritores como Jonathas Baptista, Abdias Neves, Esmaragdo de Freitas, dentre outros, o que demonstrava as boas relações e o prestígio social das senhoritas com a sociedade da época, assim como o apoio desses literatos à iniciativa das escritoras.

Figura 1 – Jornal Borboleta, nº 17, 29 de janeiro de 1906.



Fonte: Acervo do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação

A edição de o *Borboleta* de número 14, do dia 29 de outubro de 1905, chama atenção pelo fato de ressaltar o aniversário de um ano do periódico que, antes, circulava em número reduzido, tendo em vista ser manuscrito.

Um tema bastante recorrente nos textos de o *Borboleta* refere-se aos obstáculos em manter um empreendimento daquele porte para a época, sobretudo devido aos custos financeiros e ao preconceito da sociedade piauiense em relação ao papel da mulher no mercado de trabalho, fato que era visto de forma negativa, pois era sinônimo de subversão e desagregação familiar e social (FERREIRA; QUEIROZ, 2015). O papel que cabia à mulher era cuidar do lar, dos filhos e do esposo, circunstância essa vista nas obras literárias de autores como Clodoaldo Freitas, também retratado por Castelo Branco (2006), ao abordar a visão dos literatos em relação aos novos comportamentos femininos e a tentativa dos mesmos, através de suas obras, de criar padrões identitários para essas mulheres. No entanto, as escritoras não se curvavam perante as dificuldades. Abaixo, eis alguns trechos em que as mesmas expressam os enfrentamentos:

[...] E sempre lutando contra os obstáculos que costumam se apresentar nas lides jornalísticas, conseguimos hoje vencer um anno de fugentes esforços e realizar o nosso mais ardente desejo, que era apresentar impresso o nosso pequeno jornal, denominado “Borboleta”, que até então era manuscrito. [...]
“Querer é poder, disse alguém”, e, como temos muita força de vontade, não recuaremos jamais, e havemos de afrontar corajosas os escolhos que por acaso encontrarmos em o nosso caminho. [...] (sic) (BORBOLETA, 29 de outubro de 1905, p. 1)

É com o espirito altivo e rígido que nos arremessamos aos perigos que atravessa a vida jornalística.

[...]

E por consequencia não ousaremos vacillar um passo se quer em favor da amplificação feminil.

[...]

Luctar constantemente contra a turba de invasores da civilização feminil é o que havemos de fazer, embora de queda em queda, de desastre em desastre. [...] (sic) (BORBOLETA, 29 de novembro de 1905, p. 1)

Na edição de número 16, de 29 de dezembro de 1905, no artigo intitulado ‘Adorno de mulher’, a colaboradora que assina com as iniciais A. B. compreende a educação para as mulheres de forma mais ampla, fazendo alusão às escritoras Maria Amália Vaz de Carvalho, Júlia Lopes de Almeida e Ignez Sabino, evidenciando que, além de conhecimentos domésticos, as mulheres deveriam lutar pela formação intelectual, sendo a literatura um meio importante para a ascensão.

A mulher, como todos sabem, devem ser instruída, não só porque a instrução lhe dá mais realce como também porque a habilita para todos os misteres da vida, para o bom desempenho dos deveres que lhe são inerentes.

Muitos pensam que a mulher deve esmerar-se mais na educação doméstica, eu porém não penso assim, acho que ella não deve conquistar títulos que não estejam no seu alcance, mas deve estudar e trabalhar muito com o fim de ter certos conhecimentos seguindo assim o exemplo de Maria Amalia Vaz de Carvalho, Julia Lopes de Almeida, Ignez Sabino e tantas outras que teem sabido se impor pela sua vasta illustração.

Educar a mulher diz Maria Amalia, é leval-a a compenetrar-se do seu papel providencial na família [...].

A instrução è a base da vida, a mulher instruída tem entrada franca em toda parte, e finalmente a instrução é um thezouro que todos devem buscar. (sic) (BORBOLETA, 29 de dezembro de 1905, p. 1)

Ainda na mesma edição, no artigo ‘Em prol da educação’, a colaboradora de inicial M. faz uma espécie de desdobramento justificando a importância da educação para a mulher quando relata a missão da mãe como formadora de caráter.

[...] À sua mãe incumbe a delicada missão de formar seu caracter, educar seu espirito. [...] O primeiro cuidado de uma senhora que exerce o papel de mãe deve ser, tornar seu filho filho docil e obediente. [...] A mulher ignorante não pode ser a educadora d’aquelles que para o futuro hão de exercer importante papel na sociedade. [...] (sic) (BORBOLETA, 29 de dezembro de 1905, p. 1)

Jonathas Baptista, colaborador adepto às novas demandas no âmbito da educação feminina e da inserção da mulher em outros setores da sociedade (FERREIRA; QUEIROZ, 2015), publicou alguns poemas cuja temática predominante era o universo feminino. Adiante, o poema ‘A mulher’, dedicado às redatoras do jornal, apresenta a mulher como um ser puro e angelical através dos termos ‘creança’, ‘moça’, ‘anjo’, ‘formoso’ e ‘perfeita’. Ao se tornar esposa, tem-se a figura perfeita da mãe de família e da esposa dedicada, comparando-a a Santa Maria, elevando-a ao sagrado.

A mulher

*Creança-é o lyrio puro e nevado,
Todo orvalhado do campo em meio;
Anjo formoso do céu roubado,
Sempre encantado, de graça cheio.*

*Moça-é qual ave gentil, medrosa
Fugindo airosa do caçador;
Corando ás vezes treme nervosa
Si descuidosa suspira Amor.*

*Esposa é a imagem perfeita e pura
Dessa ternura que em sonhos vejo;
Do lar a graça-toda a ventura,
Vida e duçura de um casto beijo.*

*Mã-i-terna amiga, doce alegria,
Santa Maria, tão meiga e boa,
Anjo da guarda, canto e poesia,
Luz que erradia-Mai que abençoa!.. (sic)*

(BAPTISTA, 1905, p. 3)

Ainda voltado para essa temática, o autor supracitado publica outro poema intitulado ‘Musa’, no qual aborda a mulher sob outro aspecto. Encorajando-a, o eu lírico pede a sua musa que deixe as tristezas, as dores, os falsos amores e vá em busca de sua felicidade, revelando que, através da literatura, no caso em questão, vem em destaque com letra maiúscula na palavra ‘Poesia’, ela encontrará o riso e a alegria.

No trecho a seguir, o autor instigará sua musa a deixar as convenções sociais às quais ele qualifica de mentirosas e pede que ela saia cantando estrofes, fazendo referência à poesia.

Musa

[...]

*Na plaga azul da Poesia,
Onde ha rastilhos de Luz,
Procura o riso, a alegria,*

Que deu conforto a Jesus!..

[...]

De tudo que o mal semeia,

De tudo que a dôr enluta,

Procura fugir; receia

As tempestades da lucta!..

Num sonho, bem longe e fóra

Das convenções mentirosas,

Vagueia, cantando agora

Estrophes mil, vaporosas!.. [...] (sic)

(BAPTISTA, 1905, p. 3)

Diante disso, é evidente a preocupação de Jonathas Baptista para com a causa feminina no início do século XX, bem como a contribuição do mesmo para o jornal *Borboleta* e para a literatura piauiense, tendo em vista sua visão à frente do seu tempo.

Nesta composição, nota-se o quão o autor valoriza a poesia, a ponto de colocá-la como porto seguro contra os dissabores da vida. No entanto, embora a considerando como algo importante, Baptista relata a árdua tarefa de ser um escritor no poema ‘Petulância’, em que retrata a angústia por ter tanta ânsia e empenho e, contudo, não conseguir desenvolver um processo criativo quando quer.

Do mesmo modo que Jonathas Baptista, Abdias Neves também publicou poemas no jornal *Borboleta*, como ‘Flores murchas’, na edição nº 17, de 29 de janeiro de 1906, p. 2, de caráter memorialístico.

Outro aspecto que chama a atenção, no *Borboleta*, são as traduções que, embora não tenham as indicações dos textos originais, revelam a ousadia de tal periódico. Nas edições analisadas, foram encontrados dois textos, a saber: ‘O esquecimento dos pobres’, nº 17, de 29 de janeiro de 1906, p. 2 e ‘O homem’, nº 18, de 1º de março de 1906, p. 1.

Além da parte literária, o jornal possuía algumas colunas que desempenhavam a função que atualmente é conhecida como coluna social, a saber: ‘Notícias’: eram veiculadas notas diversificadas, como por exemplo, a aprovação em preparatório, ‘Pensamentos’: como o próprio nome indica, eram reproduzidos pensamentos diversos, ‘Perolas azues’: seção dedicada aos aniversariantes do mês, dentre outras.

Ante o exposto, é notória a relevância do jornal em questão e da atividade jornalística desempenhada pelas redatoras do mesmo para a literatura piauiense e a

educação feminina no início do século XIX, haja vista que os mesmos romperam, de certa maneira, com algumas barreiras ao promover a formação intelectual das mulheres, mostrando que os espaços público e privado poderiam andar lado a lado e ao divulgar a produção literária de autores já consagrados, bem como alavancar a carreira de outros.

Por essa razão, o estudo dessa fonte de informação primária é fundamental, para que as lacunas presentes na historiografia literária piauiense possam, cada vez mais, serem sanadas.

Referências

ARNT, Héris. *A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica*. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

A. B. Adorno de mulher. *Borboleta*, Teresina, p. 1, 29 dez. 1905.

B. H. O esquecimento dos pobres. *Borboleta*, Teresina, p. 2, 29 jan. 1906.

BAPTISTA, Jonathas. A mulher. *Borboleta*, Teresina, p. 3, 29 nov. 1905.

_____. Musa. *Borboleta*, Teresina, p. 3, 29 out. 1905.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Mulheres escritas: literatura e identidades femininas em Teresina (1900-1930). *História hoje*, Marília, v. 3, n. 9, 2006. Disponível em: < www.anpuh.org/arquivo/download%3FID_ARQUIVO%3D79+&cd=15&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br >. Acesso em: 21 jun. 2017.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na primeira república*. Teresina: Edufpi, 2013.

FERREIRA, Ronyere; QUEIROZ, Teresinha. Um literato feminista: Jônatas Batista e as ampliações das responsabilidades femininas em Teresina (1906-1927). *História, histórias*, Brasília, v. 3, n. 6, 2015. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/13342> >. Acesso em: 3 jul. 2017.

M. Em prol da educação. *Borboleta*, Teresina, p. 1, 29 dez. 1905.

NEVES. Abdias. Flores murchas. *Borboleta*, Teresina, p. 2, 29 jan. 1906.

O homem. *Borboleta*, Teresina, p. 1, 1 mar. 1906.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2016.

ROCHA, Olívia. Mulheres e imprensa no Piauí no final do século XIX e início do século XX. In: ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2., 2012, Teresina. *Grupo de trabalho 1 – História do Jornalismo*. Disponível em: <www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/nordeste/2o-encontro-2012/gt-1-2013-historia-do-jornalismo/mulheres-e-imprensa-no-piaui-no-final-do-seculo-xix-e-inicio-do-seculo-xx/at_download/file+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>.

Acesso em: 21. Jun.2017

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.